CULTURA EM EXPANSÃO 2025



CEP

Corpografias Escreviventes Pretuguesas



Sumário

CEP - Corpografias Escreviventes Pretuguesas 3

Equipe do CEP 4

Casa Odara 5

Artistas CEP 6

Introdução 9

Corpografias e as Colonialidades do Espaço 13

Das Nossas Escrevivências 18

Entre nós: autobiografia, imagem e resistência negra 22

Em tudo, toda gente negra 26

Oficinas de Escrevivência - Cartas 28

Gilson, Silvana e Caterina 28

Cinna, Dinis e Paprika 29

Carta a alguém 30

Carta a Ismael 31

Olá, Dona Fanta! 32

Corpografias 33

CAH 34

Cinna Solar 36

Gilson Fernandes 38

Páprika 40

Dinís Quilavei 42

Silvana Pereira 44

Caterina Araya 46

Corpografia do Palácio de Cristal 48

Fotos Paprika 50

Confluentes 53

Ficha Técnica 55

CEP – Corpografias Escreviventes Pretuguesas

Projeto

Equipe:
Conceção, Direção Criativa e Coordenação Geral Rafael Campos | **Coordenação de Produção** Janaína Kruger | **Audiovisual** Letícia Simões | **Formação e Comunicação** Gessica Correia Borges | **Design e Desenvolvimento Web** Samuel Sanção | S**aúde Mental** Kai Fernandes | **Produção** Jonatas Souza

Artistas CEP:
Cah, Caterina Araya, Cinna Solar, Deusa, Dinís Quilavei, Gilson Fernandes, Paprika e Silvana Pereira

Coprodução:
Cultura em Expansão 2025 | ÁGORA - Cultura e Desporto do Porto, E.M., S.A. | Casa Odara - Associação Cultural e Social

Equipe Cultura em Expansão 2025

Programa
Rui Silvestre
João Covita
Margarida Andresen
Tiago Espírito Santo

Direção Executiva
João Covita

Produção Executiva
Ana Amorim
Celeste Domingues
Margarida Andresen
Tiago Espírito Santo

Coordenação Técnica
Carín Geada

Comunicação
Patrícia Barbosa

Design Gráfico
Óscar Maia

Website
BondHabits

Júri Open Call
Efetivos:
Gonçalo Canto Moniz
Gabriela Vaz Pinheiro
Sofia Vitorino
Sofia Maia
Rui Silvestre
Suplentes:
João Covita
Francisco Teles

Mecenas
Fundação Manuel António da Mota

Apoios e Parcerias:
I2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, UPTEC - Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto, Curso Doutoral em Educação Artística (DEA) - FBAUP e Batucada Radical

Coprodução

CASA ODARA

Porto.



CEP

Corpografias
Escreviventes
Pretuguesas

CEP – Corpografias Escreviventes Pretuguesas

CEP – Corpografias Escreviventes Pretuguesas foi um projeto artístico contracolonial que investigou a presença e a ausência da negritude na cidade do Porto, (re)inscrevendo corpos e territórios negros no espaço urbano. Inspirado nas escrevivências — conceito criado pela linguista e escritora brasileira Conceição Evaristo — e nas corpografias (cartografias com e no corpo), o projeto realizou ações que AFROntaram o racismo estrutural, denunciaram apagamentos históricos e reivindicaram a presença da cultura negra em Porto.

O projeto constituiu-se como um ritual de escrevivência e corpografia — um processo de inscrição simbólica e sensível dos corpos negros na cidade, reconfigurando-a com suas memórias e presenças. Entre julho e novembro de 2025, o CEP desenvolveu oficinas, percursos, formações e práticas de criação artística comunitária que resultaram nesta publicação e na exposição apresentada na UPTEC.

O CEP, selecionado a partir de uma convocatória aberta a projetos de criação em práticas artísticas socialmente comprometidas, integrou a programação do Cultura em Expansão 2025, programa anual de promoção cultural e artística que amplia o acesso à arte em diferentes comunidades e espaços da cidade. Idealizado por Rafael Campos, o projeto é coproduzido pela Casa Odara – Associação Cultural e Social e o programa Cultura em Expansão 2025. Foi realizado em cocriação com os artistas Gessica Correia Borges, Letícia Simões e Samuel Sanção; o psicólogo Kai Fernandes; e o produtor cultural Jonatas Souza.A coordenação de produção foi feita por Janaína Kruger.

O público-alvo do projeto eram pessoas negras, de todas as origens e identidades, com ou sem experiência artística, que vivem no Porto. A partir de uma chamada aberta, foram selecionadas oito pessoas — a quem chamamos “Artistas CEP” — com histórias, vivências e práticas culturais inseridas no mapa simbólico e afetivo da cidade.

“Nosso corpo é o CEP e nosso texto é o território” (Rafael Campos)



EQUIPE CEP

Rafael Campos - Direção Criativa, Performance e Corpografia
Artista, mestre em arquitetura e pesquisador. Atua entre os campos da arte, ciência e ativismo. Realiza performances como prática micropolítica de resistência antirracista para superar a dor e curar o corpo/território. No CEP, é responsável pela concepção e direção artística geral, além de facilitar os Workshops de Corpografia.

Janaína Kruger - Coordenação Administrativa e de Produção
Carioca de 48 anos que imigrou em busca de uma vida diferente. Mãe de três filhos, ekedji no candomblé, co-criadora e produtora da Casa Odara, com uma carreira bastante diversificada. No CEP, coordena o administrativo, financeiro e produção.

Letícia Simões - Audiovisual, Memória + Fabulação Histórica
Realizadora, guionista e artista multidisciplinar. Desenvolve pesquisa e prática artística com foco em memória, escrita de si e narrativas audiovisuais, com ênfase em perspectivas decoloniais e epistemologia feminista negra. No CEP, é responsável pelos registros audiovisuais e facilita as oficinas de Produção Audiovisual.

Gessica Correia Borges - Comunicação, Escrita e Prática Literária Negra
Pesquisa.Escri.Sonha.Dora com anos de experiência em comunicação e cultura. Paulistana periférica, vive no Porto desde 2017 e vive entre pesquisas, escritas e ativismos. No CEP, cuida da comunicação escrita, redes sociais e facilita as Oficinas de Escrevivência.

Kai Fernandes - African Tour e Autocuidado de Pessoas Negras
Psicólogo nascido e criado no Porto, criador da @quotidianodeumanegra, página de Instagram onde expressa as suas inquietudes. No CEP, facilita o Tour pela Herança Africana e Raízes Coloniais no Porto, além do Encontro Arte-Terapêutico.

Samuel Sanção - Design, Desenvolvimento Web e Arte Visual
Designer e ilustrador brasileiro, com pós-graduação em Ilustração (FBAUP) e mestrando no MIEI, dedica-se à criação de narrativas visuais em banda desenhada, livros ilustrados e jogos de tabuleiro, além de realizar oficinas de ilustração. No CEP, faz o design, arte visual e desenvolvimento web.

Jony Souza - Produção Executiva
Produtor cultural com mais de uma década de atuação em teatro, performance e grandes eventos. Vive no Porto desde 2019 e se interessa por processos colaborativos e atravessamentos entre arte, memória e deslocamento. No CEP, cuida da produção executiva.



Casa Odara

A Casa Odara é um espaço multicultural e autônomo, fundado por mulheres imigrantes brasileiras residentes em Portugal. Localizada na Rua Mártires da Liberdade, 126, no Porto, a Casa se firmou como um centro cultural vital para artistas e empreendedores culturais marginalizados. Seu foco é a produção, desenvolvimento e apoio a projetos culturais que promovem a diversidade artística e o encontro de diferentes expressões culturais, com ênfase nas comunidades imigrantes, racializadas, LGBTQIA+, feministas e antifascistas.

Desde sua abertura em 2023, a Casa Odara já sediou e co-produziu mais de 150 eventos, abrangendo diversas formas de arte, como saraus literários, exposições de artes visuais, rodas de capoeira, performances, workshops, eventos da comunidade afro-diaspórica e espetáculos teatrais.

ARTISTAS CEP
2025

Cah (@baddiecah), nascida em 2001, é uma multiartista luso-brasileira que atua nas artes plásticas. Sua obra valoriza corpos negros e periféricos, criando espaços de pertencimento e resistência. Com influências de hip-hop, samba e funk, sua arte reflete identidade, memória e futuro. Movida pela busca de emancipação, Cah cria peças que vão além do visual, promovendo conexão, reconhecimento e representatividade.



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Sérgio Monteiro

Caterina Araya (@lacate.cate) é italiana, de origem eritrea e etíope, e vive em Portugal desde 2024. É mestre em Urbanismos Críticos com a tese intitulada "*Radicalismo Negro no Porto, da Exposição Colonial Portuguesa às Intervenções Urbanas Contemporâneas*". Seus interesses se concentram nos temas da memória e do legado no espaço público, no direito à cidade e no direito à migração. Por causa de seus estudos e ativismo, transita entre as fronteiras da Europa até o sul da Itália, França, Palestina e África do Sul. No Porto, criou um projeto de cozinha chamado Jahmekit (@jahmekit), que explora receitas do Caribe e outras regiões.



Foto: Arquivo pessoal

Cinna Solar (@cinnasolar) é artista multiplataforma do Rio de Janeiro, bacharel em Biblioteconomia, pesquisadora e educadora. Experimentadora na escrita, nas artes urbanas, no cinema e na música, facilita oficinas de artes, gênero e língua estrangeira para a população preta no Brasil e na Europa. Colaborou em residências artísticas e publicações internacionais, liderou e facilitou cursos de graffiti e de línguas, e mais recentemente atuou como intérprete em projetos artísticos internacionais.

Deusa Sebastião (@beleza.africanaa), 44 anos, é natural de Guiné-Bissau e vive no Porto. Trancista e proprietária do Salão Beleza Africana, dedica-se a valorizar a beleza e a força da identidade através das tranças e de penteados tradicionais africanos. A sua arte é uma forma de expressão cultural e de celebração de raízes.



Foto: Hugo Adelino



Dinís Quilavei (@dinisabudoquilavei) nasceu em Maputo, Moçambique. Formado em dança pelo ISARC (Instituto Superior de Artes e Cultura - Maputo) é bailarino contemporâneo e artista multidisciplinar com uma trajetória singular marcada por feitos nas áreas da dança, música, performance e teatro. Desde 2022 dedica-se também à sua própria pesquisa coreográfica criando solos, e dinamiza formações de dança contemporânea e danças tradicionais moçambicanas em escolas.

Foto: Sérgio Monteiro

Gilson Fernandes (@gilson.noslig) nasceu em 1965 no Rio de Janeiro, Brasil. É dentista, artista plástico, ator, técnico de multimédia e audiovisual. Doutor em Belas Artes pela Universidade de Granada. Dedica-se principalmente à arqueometria, à escultura e à gravura. Na música escolheu o canto coral, e nas letras tenta expressar o seu ponto de vista do mundo misturando palavras.



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Arquivo pessoal

Paprika (@anatavarespaprika), 23 anos, é uma artista cabo-verdiana que migrou para Portugal em 2020, durante a pandemia, para continuar os seus estudos. Nesse período, descobriu na arte uma forma de se expressar e reconectar com a sua identidade e o mundo. Dedica-se à pintura, fotografia e ilustração, explorando sobretudo corpos e retratos. Através do seu trabalho, procura capturar a beleza e a identidade humana.

Silvana Pereira (@silpereira94) é cabo-verdiana, residente no Porto desde 2019. Licenciada em Relações Públicas e Secretariado Executivo pela Universidade de Cabo Verde e mestre em Marketing pela Universidade da Maia. Atua nas áreas de marketing digital e assessoria de imprensa para artistas, através do seu projeto Âncora. É também promotora de eventos e atriz, com grande interesse pelas artes, cultura e relações humanas. Prática arte dramática desde 2017 e considera que o teatro é o seu refúgio mais seguro.



Foto: Arquivo pessoal



Introdução

Rafael Campos, confluenciado com artistas CEP

O racismo estrutural que moldou a sociedade contemporânea se materializa na forma como as cidades são organizadas, reservando os territórios centrais à branquitude, enquanto corpos e territórios negros são empurrados para as margens e, muitas vezes, invisibilizados. É urgente promover ações artísticas voltadas à descolonização do pensamento e à valorização da cultura negra em Portugal.

Partindo desse princípio, o CEP teve como principal objetivo desenvolver uma cocriação artística comunitária que evidenciasse a presença e a ausência da negritude no espaço urbano do Porto. Essa proposta se constitui na encruzilhada dos conceitos de **Escrevivência** (Conceição Evaristo), **Corpografia** (cartografias corporais na cidade) e **Pretuguês** (Lélia Gonzalez).

A noção de **encruzilhada**, segundo Leda Maria Martins (2021), nasce das concepções filosóficas de diversas culturas africanas e afro-brasileiras, bem como das religiões nelas referenciadas. A encruzilhada é um lugar sagrado de intermediações — pensamento e ação —, uma espacialidade icônica que cartografa múltiplos movimentos de recriação. Para a autora, ela traduz e opera os princípios estruturantes do pensamento negro, possibilitando interpretações e movimentos de inter e transculturalidade. No campo do rito — e, portanto, da performance —, a encruzilhada é lugar de desvios, textos e traduções, confluências e rupturas, criando sentidos plurais. É sob essa encruzilhada epistemológica que abordamos os conceitos fundantes do projeto.

Escrevivência

Elaborado por Conceição Evaristo originalmente em 1996, o conceito-prática de **escrevivência** nasce das narrativas e da literatura de mulheres negras. Trata-se de uma escrita que entrelaça marcas da vida e memórias coletivas, fundamentada no processo histórico do escravismo e na ancestralidade africana.

Ao trazer a oralidade e a experiência como matéria-prima do texto, a escrevivência subverte epistemologias hegemônicas e afirma uma literatura que não apenas narra, mas insurge e reivindica um lugar de fala. A sujeita individual se conecta ao coletivo, fundindo vida e obra, passado e presente, para tecer narrativas.

Essas narrativas valorizam as perspectivas daqueles que tiveram seus corpos e espaços violentamente usurpados. Escrever (inscre)vivendo-se pela memória da pele é cantar o corpo negro, um ato de autorepresentação de um corpo que não é apenas descrito, mas vivido.



Corpografia

O conceito de **corpografia**, formulado por Rafael Campos a partir das proposições de Fabiana Britto, Paola Jacques Berenstein e Ida Mara Freire, articula corpo, cartografia e memória no espaço urbano. Parte-se do entendimento de que o corpo, enquanto território de experiências e inscrições históricas, traça percursos que desafiam e reconfiguram a cidade.

No contexto de uma geopolítica do apagamento, as corpografias negras emergem como dispositivos de resistência, inscrevendo presenças em paisagens marcadas pela colonialidade. O ato de corpografar o Porto implica evidenciar a negritude na cidade, redesenhando-a a partir dos deslocamentos e vivências dos corpos que nela transitam. O resultado pode assumir diversos formatos — fotografias, desenhos, pinturas, colagens, fanzines, vídeos etc.



Pretuguês

Lélia Gonzalez (1984) propõe a reapropriação crítica do termo Pretuguês, como forma de denunciar o racismo linguístico que rejeita as marcas de africanização no português europeu e, ao mesmo tempo, exaltar as adaptações e marcações culturais africanas axiomáticas à língua portuguesa. Essa reinterpretação celebra uma diversidade linguística e cultural de alcance global.

Encaminhamentos e Experiências

Organizado **por e para pessoas negras** do Porto e região, o projeto buscou promover o letramento racial, reflexão e cura coletiva do trauma colonial por meio de práticas artísticas. Inspirou-se na prática e experiência de vida **contracolonial**, proposta por Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), que enxerga nos saberes e modos de vida quilombolas e indígenas uma poderosa força "contra" a efetivação completa do projeto colonial. Nêgo Bispo defende que os povos quilombolas e indígenas nunca foram colonizados, logo, não podem se "descolonizar" ou "decolonizar". Assim, o contracolonial apresenta-se como uma alternativa preenchida de organicidade, em confluência com as vivências de povos e comunidades historicamente subjulgados.

Com base nesse pensamento, foram realizadas oficinas de criação com cinco temáticas: **Corpografias**, **Escrevivências**, **Audiovisual**, **Cidade e Saúde Mental**.

No capítulo *"Corpografias e as Colonialidades do Espaço"*, Rafael Campos apresenta os conceitos aplicados às atividades desenvolvidas com os artistas, analisando o corpo como dispositivo criador e contentor de espaços e refletindo sobre as marcas coloniais inscritas em corpos e territórios.

Em seguida, Gessica Correia Borges, no texto *"Das Nossas Escrevivências"*, oferece uma abordagem sensível e poética do conceito fundante de Conceição Evaristo, relatando os encontros organizados para fomentar a escrita afrocentrada e valorizar a oralidade.

Letícia Simões captou imagens potentes que transmitem sensações e experiências de corpos racializados criando territórios e obras artísticas. No capítulo *"Entre nós: autobiografia, imagem e resistência negra"*, ela reflete sobre as oficinas de criação audiovisual, discutindo estratégias narrativas inspiradas no cinema de mulheres negras — gestos, olhares, vozes e memórias frequentemente silenciadas.

A Cidade e Saúde Mental ficaram a cargo do psicólogo e ativista Kai Fernandes, que realizou uma versão da *African Heritage and Colonial Roots Tour*[1] com os participantes do CEP e aberto à comunidade negra em geral. Kai Fernandes traça um paralelo entre a história do colonialismo português e a presença atual da cultura negra da cidade. Este *tour* pela cidade do Porto propõe uma experiência única, distinta dos roteiros turísticos convencionais, com uma ótica afrocentrada. Revelaram-se as histórias, as vivências e as contribuições das pessoas negras que fazem parte do tecido social portuense e que são pouco representadas na memória oficial da cidade, nas ruas e monumentos.

Ao longo da publicação apresentamos as criações e múltiplas linguagens dos artistas do CEP que problematizam seus corpos em diálogo com a cidade. As experiências vividas nesses meses de criação não cabem em poucas palavras. Como afirma Conceição Evaristo:

> "Contar o acontecido já é uma traição com o vivido (...) se contar e recontar são atos marcados por sinais de incompletude, pois difícil é traduzir os intensos sentidos da memória — imaginem escrever. Imaginem perseguir uma escrevivência" (Evaristo, 2024, p. 11).

Cientes da impossibilidade de registrar o vivido, persistimos na intenção de compilar as vozes plurais e diversas que compõem as nossas corpografias escreviventes pretuguesas.

1 https://www.africantourporto.com/



Corpografias e as Colonialidades do Espaço

Rafael Campos, confluenciado com artistas CEP

O corpo e a cidade são escalas dimensionais interligadas, a partir do conceito de Corpografia de Britto (2008) e Jacques (2012), afirmamos que a cidade é um organismo vivo que carrega em si as marcas de corpos que as experienciaram e moldaram as configurações urbanas, mas também as corporalidades são resultantes das experiências urbanas que marcam nossas subjetividades e corpo físico.

Em "Diários Corpografias" (2019) Ida Mara Freire afirma que a transição da memória corporal para a dos lugares vividos é tão importante quanto orientar-se deslocar-se e habitar, e que é possível criar narrativas a partir da memória corporal intrinsecamente associadas a lugares. Incidentes precisos, traumas, feridas, e também momentos de gozo e conquistas ficam marcadas sobre pele, músculos e ossos. As memórias corporais são povoadas de diferentes graus de esquecimento e lembrança, e nesse sentido a autora nos desafia a escrever para lembrar, reconciliar, esquecer, um deslocamento do gesto que escreve para um gesto que dança, que denote os passos, lapsos e lampejos de memória biográfica.

"O que meu corpo lembra?"

O que meu corpo indaga no mundo?

Quais os Territórios Negros (físicos ou existênciais) estão incritos em nossas peles?

Como cartografar com o corpo lugares de memória?

Como acessar memórias coletivas a partir de um corpo individual?

O Corpo localizado é importante para entender-se enquanto indivíduo e auxiliar na leitura do próprio corpo e do outro, de seus significados, de onde estamos e quais aspectos meu corpo carrega em termos de gênero, raça, classe, etc. O corpo constrói narrativas históricas, e carrega em si as colonialidades que moldam a sociedade contemporânea. O sentido é um campo em disputa, assim como a imagem e as narrativas, têm sido encantadas para criar e fortalecer o poder para uma parte da população. É preciso desencantar histórias de heróis, fábulas de navegações e descobrimentos que controlam os sentidos. É preciso contar outras histórias, outras perspectivas que evidenciem nossos corpos/territórios negros, constantemente invisibilizados ou postos à margem.

Leda Maria Martins (2021), afirma que a primazia da escrita imposta pelos colonizadores europeus nas colônias foi um instrumento de domínio e de apagamento de saberes considerados hereges e indesejáveis. Mas foi através do corpo-tela de africanos e indígenas que saberes ancestrais foram perpetuados através da oralidade e performances. Grafar o saber não era exclusivo ao domínio do idioma escrito alfabeticamente, mas sim o sinônimo de um saber incorporado, uma experiência corporificada. Dançava-se palavras e em todo movimento e grafismo na pele advinham conhecimentos.

Esse conhecimento, segundo Martins, não se limitava aos corpos, ela nos conta que existem registros de povos Tolteca, que contam que a instalação de uma nova cidade não de iniciava com a conclusão de obras físicas (ruas, templos ou habitações) mas sim com a realização de cantos, músicas, tambores e celebrações. Eram os corpos em performance que fundavam o lugar e sua civilização.

A partir dessa abordagem afrocentrada, nos encontros facilitados por Rafael Campos, tratamos da interação entre corpo e cidade, destacando como os corpos deixam marcas nas paisagens urbanas, assim como carregamos em nós as cidades experienciadas. Utilizamos nossos corpos em performances e atividades multidisciplinares para grafar as histórias que nós queremos contar e produzir nossas cartografias corporais urbanas.



Durante os encontros e na primeira partilha pública, realizamos diversos exercícios de corpografias intitulados: A Cidade nas Mãos, O Ser nos Pés (Corpografia de Territórios Negros) e Corpografias Contracoloniais, que tratamos das colonialidades contidas na cidade, abordando os espaços simbólicos: os territórios Negros de Porto, o Palacete da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e os Jardins do Palácio de Cristal, no qual problematizamos o trauma coletivo que foi a 1ª Exposição Colonial Portuguesa.

O palacete da FBAUP foi construído pelas famílias Forbes e, posteriormente, Braguinhas, conhecidos como "brasileiros torna viagem". A alcunha referia-se a portugueses que construíram fortunas no Brasil-Colônia, através da exploração de corpos e territórios. O jardim mimetiza a paisagem das colônias através do extrativismo de espécies nativas originárias de outros territórios. Antigamente, o local era utilizado para festas exclusivas para a burguesia Portuense. Atualmente, a presença mínima de alunos negros na Universidade, assim como os valores abusivos das propinas, reverberam indagações sobre o direito ao uso do espaço, que é um arquivo urbano com inúmeras obras de arte e plantas ancestrais[2].



2 Para uma descrição mais detalhada dos jardins e esculturas presentes na FBAUP, visite: https://www.up.pt/fbaup/pt/a-fbaup/campus/jardins/

Em 1934, realizou-se a 1ª Exposição Colonial Portuguesa, na cidade do Porto — uma ação de propaganda política, comercial e colonial —, alinhada a diversas outras exposições semelhantes que vinham ocorrendo em vários países colonizadores europeus. O principal diferencial da Exposição do Porto foi a criação de uma espécie de "zoológico humano", com cenários que buscavam simular aldeias das ex-colônias, onde mais de 300 pessoas oriundas de diferentes territórios então sob domínio português foram expostas — muitas delas, seminuas — durante quatro meses de exposição.

Todos os exercícios tiveram metodologias criadas especificamente para o CEP, com base em referências de autores afrocentrados. Buscamos tensionar a relação entre corpo X espaço X arquivo, lidando com e contra os espaços e documentos para criar outras obras, que tratem das individualidades, subjetividades e também denúncias. As corpografias assumiram diversos formatos: fotografia, texto, mapa, colagens, que apresentamos a seguir:

A CIDADE NAS MÃOS

No exercício a "A Cidade nas Mãos" nos inspiramos na atividade, "O Ser nas Mãos" proposta por Ida Mara Freire, nos seus diários de corpografias, cruzando com a técnica de cartografia afetiva, com o objetivo de evidenciar as memórias individuais e coletivas dos corpos relacionados à cidade e criar um mapa afetivo coletivo como ponto de partida para reflexões.





O SER NOS PÉS

O exercício "O Ser nos Pés" também teve como ponto inicial um exercício proposto por Ida Mara Freire, que adaptamos para o nosso contexto, e criamos um ritual performatico, composto de três movimentos de uma cartografia corporal de territórios negros de Porto.

O primeiro movimento, foi identificar e escrever no mapa da cidade do Porto os locais onde cada um vive, assim como os territórios negros identificados no mapa ROTA DE FUGA , processo de automapeamento realizado pela UNA - União Negra das Artes, em 2024 no Festival DDD, no qual criaram uma mapa de locais da cidade de Porto com associações e coletivos, cabeleireiros e lojas de cosméticos, restaurantes e galerias de arte criados e/ou administrados por pessoas negras.



Foto: Sérgio Monteiro

3 Para conhecer o trabalho e mapa construído pela UNA, visite: https://uniaonegradasartes.pt/una-no-ddd24-rota-de-fuga/



O segundo movimento foi um ritual coletivo, um exercício meditativo de ativação do sensível e acionamento de memórias. Retomamos o olhar para o corpo enquanto corpo coletivo, em memórias transgeracionais que nos afetam. Sobre os processos globais de colonização, invasões, sequestros e escravismo criminoso, que moldaram a sociedade contemporânea e o modo como vivemos. Buscamos através de nossas raízes nos conectar pela terra aos antepassados e tivemos o café como fio condutor de memórias. As Memórias da Plantação às quais Grada Kilomba (2019) se refere, que insistem em se manter no espaço público e se atualizar nas experiências de racismo cotidiano.

Foto: Sérgio Monteiro



Foto: Sérgio Monteiro

No terceiro movimento, os artistas CEP realizaram a encruzilhada sobre o mapa, em uma travessia com os pés descalços e pintados com café. A travessia carrega múltiplos sentidos. Evoca a proibição histórica imposta às pessoas escravizadas de usarem calçado — um gesto de controle e desumanização. Ao descalçar-se, cada corpo reconecta-se com a terra e afirma a sua presença como gesto de resistência e pertença. Caminhar sobre o mapa do Porto foi inscrever o corpo negro na cidade. Reescrever o território com pegadas vivas, tornando o chão um lugar de memória e ruptura. A tinta de café reforça a memória colonial das plantações e das redes de exploração que ligam o Porto às diásporas africanas e afro-brasileiras. Este gesto performático propõe uma corpografia negra da cidade: uma nova leitura, onde os pés e passos evidenciam presenças.



Foto: Sérgio Monteiro





Das Nossas Escrevivências

Gessica Correia Borges, confluenciada pelos artistas CEP

Se me perguntassem o que é escrevivência, eu responderia brevemente: **é escrever de nós**. O "de" aqui é preposição de dependência do coletivo, sim, mas também a marca de um lugar íntimo, de sentidos, significados e sonhos que partem de dentro pra fora, e que só podem vir ao mundo se antes tiverem sido experienciados em algum lugar do corpo e da alma.

Este conceito-experiência, criado em 1995 pela linguista e escritora brasileira Conceição Evaristo (1946) enquanto realizava o seu mestrado em letras-literatura, nasce do brincar das palavras "escrever" "se ver" e "viver" e é profundamente enraizado na experiência feminina negra. A escrevivência evaristiana hoje é uma referência para a literatura brasileira, com impacto mundial.

E escreviver pode ser — e é — muitas coisas. É transformar as nossas subjetividades em palavras, narrar as nossas histórias, culturas, caminhos, é confluirmos entre nós num tempo que espirala e se recusa à linearidade clássica da História. Ainda é preciso dizer que escreviver também é resistir? Colorir o cânone, manchar o dicionário com o nosso pretuguês[4], deixar a língua mexer livre como quando a gente conta uma fofoca, sabendo que é justamente por causa da oralidade que continuamos a existir nesse mundo.

As Oficinas de Escrevivência dinamizadas na Casa Odara no âmbito do CEP nos permitiu caminhar pelos *Becos da Memória* (2017) da escrita feminina negra de vários cantos do mundo, identificando as potencialidades narrativas que as nossas vivências podem alcançar. Construímos uma geografia afetiva para a nossa experiência de viver no Porto: das lojas de produtos "afro" da zona do Marquês às festas populares que colorem as Fontainhas, os nossos passos vêm de longe, e marcam a cidade de forma irreversível.

4 Refere-se à expressão popularizada pela intelectual brasileia Lélia Gonzalez, que defende que as populações negras recriaram o português europeu, incorporando ritmos, sons, expressões e modos de pensar vindos das culturas africanas. Assim, o falar brasileiro — com suas gírias, sotaques e expressões — é um "pretuguês", um traço das resistências e identidades negras dentro da língua dominante.



“A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos.”

Conceição Evaristo



Ilustração: Samuel Sanção



Dentre os exercícios propostos, espiralamos no tempo e escrevemos cartas coletivas à cidade do Porto, soprando sonhos **do** e **para** futuros alternativos. Também, simulando as práticas de griôs e griotes africanos, sentamos em roda e contamos histórias: de tradições e conflitos familiares, das origens dos nossos sonhos, medos e coragens. Essas gravações criaram um arquivo oral (ou fofoca[5], como quiserem) que, além da possibilidade de inscrever as nossas estórias na História, são o registro de uma ancestralidade que nos acompanha em todas as travessias: atlânticas, pessoais e urbanas. E talvez escreviver coletivamente seja isso: atravessar as nossas complexidades, lembrar do nosso o direito à palavra, à voz, à criatividade. O texto, então, é mais um pretexto de manutenção da vida.

5 Na língua iorubá há o termo Afofo (que no candomblé costuma soar como "afofô", embora a forma correta seja "ófófó"), usado para falar do "disse-me-disse" sobre alguém. A partir desse vocábulo, e do encontro entre populações negras, índigenas e portuguesas no Brasil, surgiu a palavra "fofoca". (Campilho et al., 2016)





Entre nós: autobiografia, imagem e resistência negra

Letícia Simões, confluenciada pelos artistas CEP

Quando uma pessoa negra se movimenta, ela se torna o próprio movimento negro. Aqui, brinco com duas frases célebres, a de Angela Davis[6] e a de Abdias do Nascimento[7], para fazer uma provocação: como pessoas negras, como reinventar o mundo onde vivemos, a fim de reimaginar o que significa ver e ser visto?

6 "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela". Frase dita pela filósofa norte-americana em 2017, durante uma palestra.

7 "Um negro em movimento é o movimento negro", foi uma frase amplificada pelo Movimento Negro Unificado, fundado em 1978, no Brasil. Atualmente, atribui-se ao artista Abdias do Nascimento, um dos organizadores do MNU.





Foi a partir dessa provocação que iniciamos as Oficinas de Audiovisual do CEP, dedicadas a pensar o cinema como uma estratégia amefricana de resistência, na esteira do conceito da filósofa Lélia Gonzalez, que dedicou a sua vida a identificar e nomear as formas silenciosas de racismo, pensando, ao mesmo tempo, sobre as vias de re-existência diante de suas práticas. Para Lélia, a amefricanidade, essa forma de resistência, nasce do entrelaçamento das culturas africanas e ameríndias nas Américas, das práticas de sobrevivência e invenção que emergem das travessias forçadas.

"Já na época escravista, ela se manifestava nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre, cuja expressão concreta se encontra nos quilombos, cimarrones, cumbes, palenques, marronages, maroom societies, espraiadas pelas mais diferentes paragens de todo o continente. (...) Reconhecê-la é, em última instância, reconhecer um gigantesco trabalho de dinâmica cultural que não nos leva para o lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: amefricanos." (González, 2020, p.168)





No cinema, essa "estratégia de resistência cultural" pode ser pensada através das formas de narrar, pelos gestos por onde o olhar se debruça, pelas vozes que emergem ou são silenciadas. O fato é: a negritude precisa ser vista como um pensamento artístico, uma linguagem, uma forma de produzir conhecimento e entender o mundo. Assim, fizemos um exercício de pensar o cinema como um entrelaçamento entre o nosso corpo, a nossa memória e o território onde, hoje, vivemos. Daí, perguntamo-nos: o que acontece com a linguagem audiovisual quando ela é tocada por mãos negras da diáspora e dos países da CPLP?

No primeiro encontro, percorremos historicamente a presença negra na realização audiovisual, pensando nos apagamentos e presenças no cenário contemporâneo português, e evocamos o cinema realizado por mulheres negras contemporâneas como um gesto coletivo de invenção. Foi a nossa ponte para o segundo encontro, onde assistimos juntos a sete filmes: *Manual* (Letícia Simões, 2016), *Noir Blue* (Ana Pi, 2018), *Kbela* (Yasmin Thayná, 2015), *Travessia* (Safira Moreira, 2017), *Notas sobre o Abismo* (Aline Motta, 2017) e *República* (Grace Passô, 2020). Cada obra nos ofereceu um modo distinto de existir em imagem ao trazer corpos que se deslocam, que sonham e que reivindicam o direito à fabulação, em propostas estéticas radicalmente diferentes uma da outra.Todos são curtas-metragens disponíveis gratuitamente pelas realizadoras para serem vistos, revistos e compartilhados.

A partir daí, cada participante foi convidado a imaginar a primeira cena do seu próprio filme corpo-escrevivente, como um rouxinol que anuncia a primavera, por vezes carregada de dores, por vezes carregada de esperança.







Dessa sinfonia de visões nasce um filme coletivo, tecido entre nós, em que cada gesto, cada olhar, cada movimento carrega a memória das imagens que nos antecedem. Uma lembrança do nosso direito à invenção.



Em tudo, toda gente negra

Gessica Correia Borges, confluenciada com Kai Fernandes e Artistas CEP

Nota:
O ciclo de formações do CEP contou com uma vertente de saúde mental, com atividades dinamizadas por Kai Fernandes, psicólogo nascido e criado na cidade do Porto, que há anos dedica-se ao estudo, pensamento e debate público sobre problemas sociais relacionados ao racismo. Este é um relato de experiência sobre esses encontros.

Andar pelas ruas do Porto de mãos dadas com a negritude. Quem diria que essa é uma experiência possível?

Pensando bem, nós diríamos. Porque essa cidade também é a nossa, e sempre estivemos aqui. Na *tour* pela "Herança Africana e Raízes Coloniais do Porto", acompanhamos o psicólogo e ativista Kai Fernandes numa caminhada que mescla História, crítica colonial, afetividades e iniciativas negras presentes na cidade, habitualmente invisibilizadas no discurso e memória oficial.

Juntamo-nos num grupo de pessoas negras de diversas origens e iniciamos o *tour* na Igreja Paroquial da Senhora da Conceição (mais conhecida por Igreja do Marquês), cujos azulejos contam histórias de "conquistas" e representam pessoas escravizadas "em África", reforçando a perspectiva colonial de dominação e superioridade socio-políco-cultural. Entretanto, o contexto histórico e as reflexões críticas ausentes na arquitetura paroquial estavam presentes no discurso de Kai Fernandes, que durante todo o percurso nos convidou a pensar: por quê, quem, onde, quando e com que propósito? Das lojas de cosméticos e produtos "afro" da zona do Marquês, aos talentosos barbeiros negros (popularizados por jogadores de futebol de todo o país), mergulhamos num Porto oculto dos roteiros turísticos oficiais, mas sempre visível para as comunidades afrodescendentes que há décadas aqui vivem, e contribuem para a fama da cidade.

Entre risos, olhares cúmplices, expressões de surpresa e trocas de experiências, caminhamos juntos e pudemos nos rever: na gastronomia sentida no paladar (mas escondida pelas portas das cozinhas), nos comércios criados e geridos por pessoas negras de todos os cantos do mundo, nas lojas e alojamentos bem limpos e conservados, e também nas galerias de arte, como a mantida há mais de 30 anos na zona do Bonfim pelo curador maliano Seydou Mamadou Keita. Ali, protegidos por máscaras, estátuas e vasos africanos seculares, falamos sobre as continuidades coloniais no presente (como os pavões que ficaram da Primeira Exposição Colonial no Jardins do Palácio de Cristal) e as estratégias possíveis de sobrevivência, que sempre envolvem coletividade e afeto.

Afeto. No dicionário, um fenômeno emocional, agradável ou desagradável, produzido por uma influência exterior. Nas nossas vidas, as emoções e sentimentos que diariamente nos move pra dentro, pra fora, pros lados. Em *Canção para Ninar Menino Grande* (2018/2022), a escritora Conceição Evaristo pergunta: "seria a dor algo que se pode dividir, assim como se reparte a alegria?". No segundo encontro do CEP dinamizado por Kai Fernandes, descobrimos, na prática, que sim.

No ambiente intimista da Casa Odara, conectamo-nos ao chão, sentamos em roda e ritualizamos o cuidado. Um pote de água no centro do círculo lembrava da ancestralidade, sempre presente, e por algumas horas pudemos praticar técnicas de respiração, de ligação ao presente, e de expressão (verbal, não verbal, corporal, artística) das nossas emoções. Fomos constantemente lembrados que a vulnerabilidade não é uma fraqueza e pode ser, insluive, uma força motora. Cientes da impossibilidade de suspender os impactos profundos do racismo estrutural e desigualdades sociais e econômicas que nos afetam como pessoas negras[8], ao menos pudemos reforçar a crença na cura que se constrói por meio da partilha, da identificação, da escuta cuidadosa. Na cura que inicia quando olhares negros se cruzam numa sala, e telepaticamente sorriem, dizendo: você não está só.

Os encontros com Kai Fernandes fizeram pensar sobre o que se esconde e o que se evidencia, o que se conta e o que se omite, o que pode transbordar ou é recalcado: não só na memória e história da cidade do Porto, mas em nós próprios. No íntimo, a nossa luta também é sobre revelar novas camadas, acolher as diferenças e poder existir na inteireza.



8 Estudos recentes realizados em Portugal mostram que a discriminação racial é um importante fator de risco para o sofrimento psicológico, a depressão e a ansiedade entre pessoas migrantes, particularmente nas comunidades brasileiras e cabo-verdianas. Outros fatores, como gênero, também são agravantes. C.f.: Alarcão, V., Candeias, P., Stefanovska-Petkovska, M., Pintassilgo, S., & Machado, F. (2024). *Multiple and intersectional discrimination and mental health of migrant populations in Portugal after the COVID-19 pandemic*. International Journal of Migration, Health and Social Care. https://doi.org/10.1108/ijmhsc-01-2024-0003.

Oficinas de Escrevivência – Cartas

Gilson, Silvana e Caterina

Ao Porto,
04 de setembro de 2035

Querida Cidade Invicta,

Permita-me que lhe confidencie a minha paixão em degustar da tua vasta gastronomia. Espero que ainda existam os bolinhos de bacalhau, a tua velha tradição. A escrever agora lembrei-me dos famosos pastéis de nata, e lembro-me daquele dia em que uma gaivota me roubou. Espero também que nos teus maravilhosos mercados, restaurantes e tascas, possa saborear pratos do mundo todo.

Conta-me: ainda os moradores e visitantes podem passear e correr pelos teus parques e sentir a natureza? Que saudades do Parque da Cidade! Ainda me lembro dos meus passeios pela Fontainhas, do gosto que tinha em andar pelas ruas sem a obrigação de consumir. Já tens mais espaço assim?

Tenho de admitir que sinto saudades das tardes ao pôr do sol no Jardim do Morro, ou na praia de Matosinhos, Foz e até mesmo do Palácio de Cristal. Por falar em Palácio de Cristal, ainda se chama assim?

Sinto ainda aquela angústia da história que o belo Palácio carregou. Podes dizer-me se já foi feita a retaliação histórica? O teu povo já reconheceu a violência e já fez os ajustes de contas com o passado?

O meu povo já te pode chamar de casa de verdade, sem se preocupar se lhe é mandado "para a sua terra"?

Espero que os teus filhos já possam escolher uma habitação digna, sem ver-se aflitos ou ter de vender os rins.

Espero que já não se sofra com a crise imobiliária, o fascismo, o racismo, o feminicídio, a xenofobia e demais "ismos".

E que já se possa viver e ser Porto.

Beijinhos e abraços.

Cinna, Dinis e Paprika

Porto, 4 de setembro de 2025

Oi, Porto! Que bom te ver por aqui. Quanta história vivemos!

Me lembro de quando andava pelas suas ruas e não me sentia em casa. Ficava em busca de algo que não tinha nome. Eu mal sabia o que era. Acho que até hoje não sei o que é.

Fato é que fiz do Porto minha casa quando achei aquele T3 a €500, perto do metro. Tudo mudou quando consegui condições e acesso de compra pra minha moradia. A cidade ganhou outras cores.

Junto comigo vieram tantas outras pessoas. Já não estou sozinho. Há pessoas de todas as cores, em todos os lugares.

Já não sou o único bailarino negro numa companhia de dança, já não me olham feito bicho. Fui reconhecido como bailarino sênior na companhia que mais faz turnês a nível mundial. Foda-se a Europa. Agora eu acesso o mundo todo.

As barreiras que antes se impunham à minha frente foram destruídas depois que todas as pessoas, de todas as cores e em todos os lugares, se juntaram para reclamar o que é delas por direito: uma vida boa, onde a saúde, a educação, a moradia, a mente e o espírito estão bem cuidados.

Olho pra trás e me lembro da sensação de insegurança, de temer andar na rua com a minha cor, de temer contar a minha história com sotaque e ser ignorado. Me lembro da esperança, dos sonhos e das expectativas. De sonhar com o mundo que temos hoje.

Agora isso são águas passadas. O rio corre pro mar, a corrente já lavou tudo. As mágoas agora são só lembranças.

Um brinde ao que fomos e a tudo que vamos ser.

Um abraço com amor,
Eu, que somos nós.

Carta a alguém

(meu bisavô paterno, Português)

Porto, 18 de setembro de 2025

Sr. Domingos,

Muito prazer. Sou sua bisneta, neta de sua caçula Zumar. Ela se casou com meu avô, o João Mendes, pouco tempo depois que o Sr. desencarnou. Uma pena que o Sr. não teve a oportunidade de conhecê-lo. Ele era uma pessoa maravilhosa, mas já desencarnou há muito tempo também.

É engraçado como a vida, o tempo, é quase uma espiral. Achamos que é uma linha reta: passado, presente e futuro, mas não. O tempo está em todo lugar. Ele gira em círculos.

Existem algumas estranhas coincidências (?) que nos unem, minha avó me conta. Nós dois, biso, temos o mesmo aniversário, exatos 101 anos de diferença. O Sr. nasceu em Trás-os-Montes, em Portugal, em 25 de janeiro de 1891. Foi pro Rio com vinte e poucos anos e construiu uma família e sua história por lá. Eu, um século depois, faço o caminho inverso: Nasci no Rio de Janeiro, no dia 25 de janeiro de 1992. Com vinte e poucos anos, venho para Portugal.

Pouco tempo depois, eu, que nunca tive casa, estou a poucos dias de mudar-me pra minha casa própria. Como pode, em tão pouco tempo, numa mesma família, os caminhos começando um no fim do outro?

Não te conheci, apenas pela memória da sua caçula. Minha avó, hoje com seus mais de 80 anos, não lembra de muitas coisas do Sr. Já faz muito tempo. Ela lembra e me conta das suas manias: muito azeite, vinho com água e açúcar pras crianças, construir um banheiro pros mendigos tomarem banho e se sentarem pra comer com a família aos domingos.

Ela também lembra de como o Sr. não gostava de pretos, e que não deixava minha avó se aproximar de ninguém de cor. Imagino qual deveria ser sua reação ao saber que o marido preto da sua filha tratou ela como rainha, e garantiu a vida de todos os seus netos. Com honra, amor, respeito.

Imagino sua cara ao ver que sua bisneta, numa trajetória igual e contrária à tua, usou do teu sangue pra se documentar na sua terra natal e ajuda cada vez mais a empretecer os espaços. A sua bisneta tá conquistando o mundo com a ajuda de muita gente, trazendo mais pretos e pretas com ela. Eu não sei de verdade o que o Sr. acharia. Se se importaria com isso, ou com quem eu realmente sou como pessoa. E eu, o mesmo. Será que nos entenderíamos? Será que nos gostaríamos? Acho que nunca vamos saber.

Deixo meu agradecimento por, mesmo sem saber e sem querer, ter me ajudado a garantir uma vida melhor.

Até um dia!

Cinna Solar

Carta a Ismael

Querido Ismael,

Estou no Porto!

E como eu imaginava, sinto-me como se estivesse numa casa alugada a pouco tempo. As coisas que vejo ainda não fazem parte do meu universo de pertencimento. Sei que também sou daqui, mas leva tempo para que o espírito se reconheça no seu lugar.

Lembra quando você conversava com Helil sobre a grande viagem lusa para as terras do Cruzeiro? Pena eles se equivocarem tanto e arrastarem tantos irmãos da lemúria para escravidão.

Talvez seja o cheiro de suor e sangue, que ainda permanece por esse chão, que me causa tanto desconforto.

Tudo bem Ismael, me lembro claramente de tua orientação:

– Irmãos, para um resgate espiritual pleno será necessário voltar ao cenário que vocês próprios construíram.

Pois então. Aqui estou!

Disposto a intercambiar os males que ajudei a produzir por benesses, alegrias e palavras de ânimo.

Já me dei conta de que meu lugar de pertencimento é o meu coração e, por isso, estou pronto para ser luso-brasileiro, sem perder as memórias da Terra de Vera Cruz, da minha aldeia Tupi a beira do grande rio, onde bebi muitas sabedorias na outra vida.

Ismael e Helil, aqui estou para mais essa aventura, que espero seja de bons ventos, tal qual quando parti nas caravelas para as conquistas manuelinas.

Gilson

Olá, Dona Fanta!

Antes de mais, quero saber como tem estado e se anda a cuidar bem da sua saúde. Espero que não esteja a exagerar nos doces — olhe que o açúcar não perdoa!

Por aqui está tudo bem, apesar dos desafios do dia-a-dia. Já sabemos que a vida adulta é feita deles, não é? Temos é de sussurrar ao universo para que nos dê sabedoria, saúde e coragem para os ultrapassar.

O Porto continua uma cidade linda e encantadora. Na semana passada fizemos uma viagem de carro ao longo da margem do rio Douro — as minhas retinas ficaram encantadas! No dia seguinte visitámos museus e alguns espaços históricos. Ainda sinto, por vezes, que a presença de pessoas negras causa alguma estranheza aos portugueses — talvez se sintam intimidados.

Os meus projectos começam finalmente a sair do papel. Já ganhei alguma destreza para lidar com as burocracias deste país, e até já consigo falar com mais leveza das minhas lamúrias e preocupações — uma forma de aliviar a alma, e de evitar acabar num manicómio!

A sua neta querida ainda lhe vai dar muito orgulho, Dona Fanta. Sei que estou nas suas orações, e saiba que também está nas minhas.

Vemo-nos em breve.

Beijinhos de saudades minha Fatí.

Silvana

Corpografias

Corpografia

CAH

Trânsito entre o estado de querer ser invisível e apenas querer ser.
Querer ser eu, ter a minha palavra como final,
ter a minha escolha como única, mergulhar no meu mar,
desabrochar, chorar, pular, correr.

Aff.

É assim tão difícil me expressar?
Ou ser vulnerável?
Em que ponto eu entrei em uma caixa
e todos os caminhos dão sempre nela.
Sinto que essa caixa tem super poderes
e esses poderes me dominam, me navegam, me abraçam.

Eu não quero mais ser.
Nem sei se quero me conhecer.
Tenho medo de me escutar
e ouvir tudo o que essas paredes me fizeram acreditar.

Acho que vou voltar, voltar pra rua,
esses caminhos me deram asas de ìcaro
vou transformá-las em espelhos, telas e bordados.

Sempre que a noite cai,
A rua murmura que o que acreditamos é o reflexo do que queremos nos transformar.
Não quero voar, não quero correr, só quero ser.



Foto: Clara Egrejas



Foto: Sérgio Monteiro

Corpografia

Cinna Solar

[Às vezes eu paro e penso. Penso tanto. Penso muito.

As memórias num redemoinho dentro da minha cabeça.

Eu, aqui e agora, escrevendo o meu presente.

Vivendo. Escolhendo na medida do possível.

Vejo a vida em ciclos, uns menores, outros maiores.

Mas inevitavelmente, me vejo repetindo os mesmos.....]

Por algum tempo, segui os mesmos caminhos de minha mãe. Pisava onde ela me mostrava. Mas eu pisava diferente, e isso a incomodava.

Nesses caminhos, eu sempre tinha uma companhia conhecida. Minha mãe, a todo tempo, me ensinava como pisar. Minha irmã, descobrindo seus passos tortos a seu jeito. Minha avó remediando o jeito do meu caminhar, mas depois de um tempo ela se cansou e teve que parar pelo caminho.

Com o tempo, meu passo torto já firmado, quis caminhar por novos caminhos. Comecei a andar por estradas longínquas, com pessoas e paisagens desconhecidas. Inimagináveis. Conheci histórias que jamais sonhei.

E nesse caminho desconhecido, de paisagens e personagens desconhecidos, me vi caminhando com os pés de minha mãe. Com o jeito de minha avó. Com os passos tortos de minha irmã. Meu pai, que há muito não aparecia, depois de um tempo voltou a caminhar comigo, mas seu passo agora já estava diferente.

As paisagens desconhecidas e os desconhecidos personagens agora são caminhantes junto comigo. Estamos descobrindo e trilhando juntos os caminhos longe de casa.Mas sempre, de alguma forma, o meu passo torto assume o passo de quem veio antes de mim.

Trilho novos caminhos com passos que vêm de desde muito antes, de lugares muito mais distantes de onde eu um dia poderia alcançar.

As histórias, assim como os passos, se repetem. Os caminhos, assim como as roupas, mudam.

E o tempo... O tempo rodopia em espirais.

Gilson Fernandes

Castigo

Um dos castigos na escola era ficar de pé num canto

A pensar no que tinha feito de errado.

Mas o errado pode não ser o inconveniente da questão.

Pode ser o que estava à mão no momento inesperado.

Sinto até um arrepio quando lembro das reprimendas sem sentido.

E ouço no ouvido:

Seja persistente nos teus sonhos e se te forçarem calar, seja bravio.

Pela vida afora tive de lutar contra os intolerantes.

E nem as cartomantes que busquei me livraram das mágoas que trago n'alma – que chora.

Mas sou sonhador, persistente, cabeça-dura e renitente.

E o que vejo pela frente não me assusta,

Porque nasci bem graúdo e filho dileto.

Por isso, eu sou artista – da vida cantador.

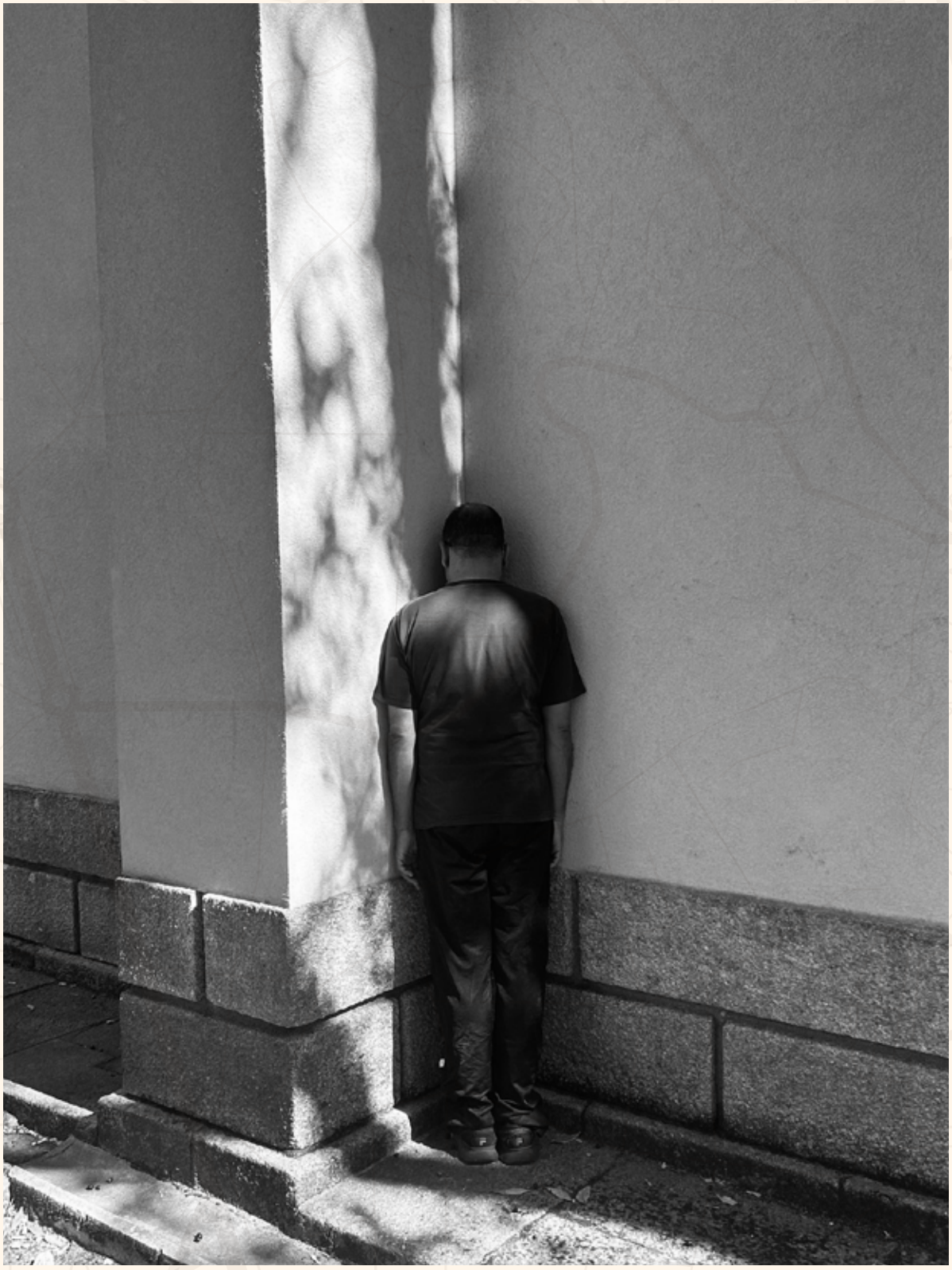


Foto: Clara Egrejas

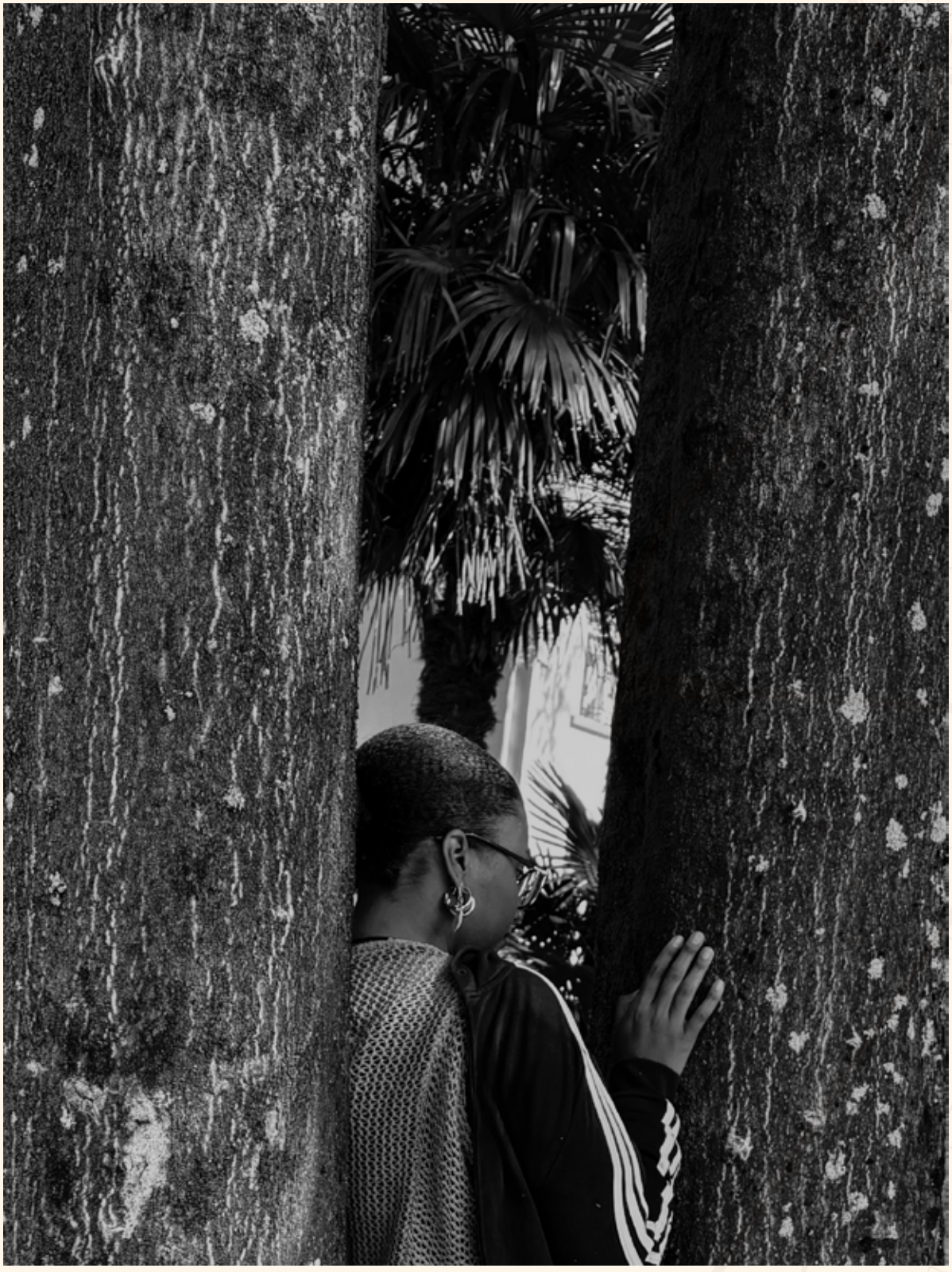


Foto: Rafael Campos

Corporgrafia

Paprika

O corpo cansado e doente se sentiu segurado
38° num dia de 23°
Na saúde ou na doença, faça sol, faça chuva,
se escute e escute os que vieram antes e oiça o que os que virão, ouvirão.
Que no fundo você ache a resposta ou tenha forças para criar uma.
Sinta a calma no caos e a brisa no relento.
Que a quietude se faça de dentro mesmo com o barulho lá fora.
Que num dia azulado
se brilhe feito sol.

Corpografia

Dinís Quilavei

Vejo corpos absortos, que abrigam, silêncio, memórias e gestos

Entre sombras que desenham histórias no tempo-espaço

Corpo rústico, cujo credo se abstém de palavras.

Corpo que busca sentido, identidade, porque abaixo dos espectros anda a vida.

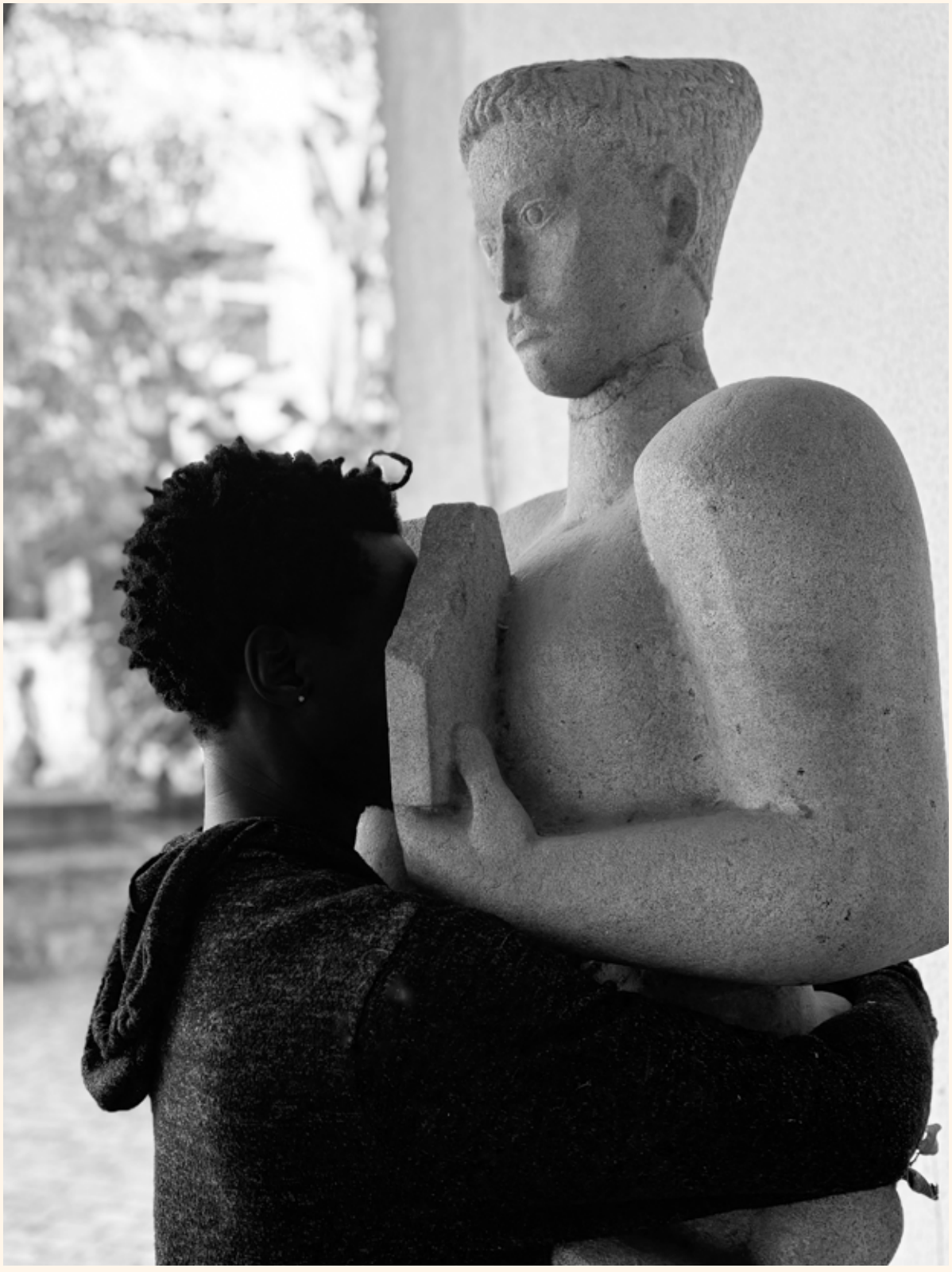


Foto: Rafael Campos

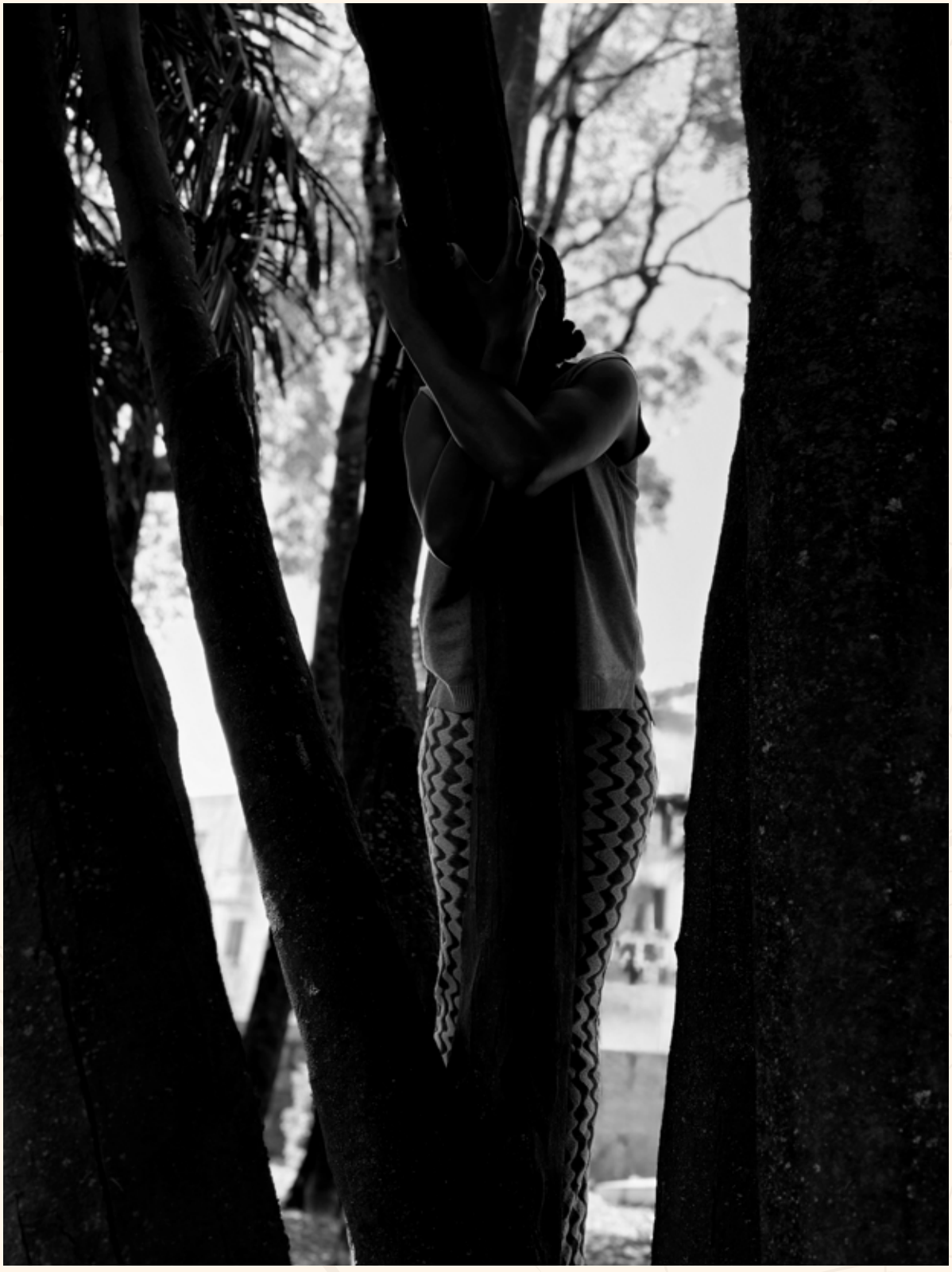


Foto: Rafael Campos

Corpografia

Silvana Pereira

O corpo agarrado
Preso à vida
Ao corpo conectado
Em busca de abrigo

Voo de mim
Após um abraço
Procuro por mim
Por um eu que desconheço

O corpo agarrado
À árvore mãe,
Que dá sombra, dá luz e dá vida
Que alimenta, e protege,

Os troncos que vencem o tempo
E as tempestades
A procura do chão
Ouço e sinto o chão

Procuro perceber o passado
E compreender o futuro
Pois não há vazio quando há memória

Sentir a árvore é um gesto político
É cura, é voltar á casa
O corpo agarrado.

Caterina Araya

Muros

Muros como barreira para delimitar o espaço,
para separar o aqui do ali.

Os Estados constroem muros para barricar suas fronteiras, definir sua identidade e demarcar sua língua e história.

Muitos já interpretaram o mundo a partir da fronteira.

Gloria Anzaldúa[9] conta que significa viver preso na fronteira,

"*preso no fogo cruzado entre os campos enquanto carregas as cinco raças nas costas sem saber para que lado se virar, de quem fugir*", e que as "*pessoas caminham através de você*".

Penso na história de migrações, familiares e não.

Penso em como atravessar a fronteira continua a ser uma das ações mais difíceis para a maior parte da população mundial.

Penso nos meus primos que encontraram descanso em algum rio da América Central,
enquanto tentavam perseguir o sonho americano.

Penso no mar onde cresci, o meu mar Mediterrâneo,
túmulo de milhares e milhares de irmãos,
com olhos cheios de um futuro que agora repousa no abismo do mar que os engoliu.

O que significa ser fronteira?
Ser um cruzamento de histórias, culturas e tradições?

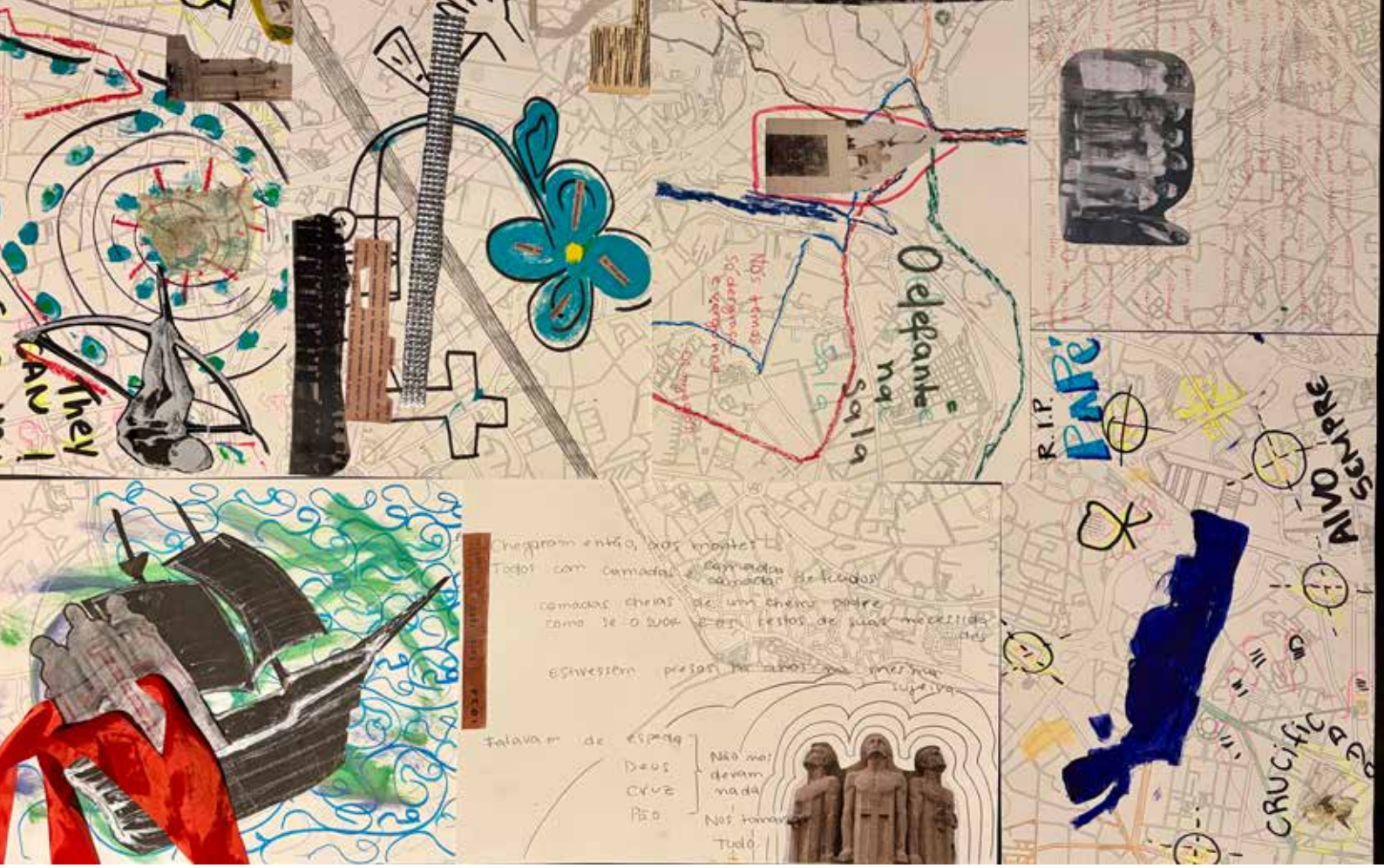
Não tenho uma resposta certa.
Por isso, deito-me sobre este muro, penso e descanso.
Rejeito o motivo arquitetônico desta estrutura, estou no topo dela.

Não estou no muro por indecisão,
mas porque contemplo minhas pequenas conquistas e as do meu povo;
descanso aqui enquanto a luta para derrubar as fronteiras continua,
e continuo a sonhar cruzamentos abertos e livres.

9 Anzaldúa, G. (1987). To live in the borderlands. The multicultural Southwest: A reader, 139-140 para 1 e 3, tradução livre da autora.



Foto: Clara Egrejas



Corpografia CEP da 1ª Exposição Colonial Portuguesa

Corpografia do Palácio de Cristal

Para revisitar a memória da 1ª Exposição Colonial Portuguesa, artistas foram convidados a cartografar emoções, palavras e imagens surgidas do contato com seus arquivos. A proposta consistiu em intervir no mapa da cidade do Porto, por meio de pintura, colagem, desenho e texto, registrando reflexões críticas sobre o evento e tensionando o arquivo colonial e a narrativa do "bom colonizador português".

A ação integrou o projeto CEP como gesto ético e reparador, evidenciando a experiência das pessoas expostas — especialmente do coletivo Guineenses, primeiro a chegar à Lisboa em 7 de maio de 1934, formado por 18 homens Bijagós, 24 Balantas, Mandingas e Fulas, entre eles 14 mulheres e 20 homens. Um dos integrantes faleceu durante a exposição, e os jornais da época atribuíram sua morte a "males do coração".

A partir da fotografia de chegada e de uma carta escrita pelo grupo, assim como arquivos da exposição e do Monumento ao Esforço Colonizador Português, atualmente situado na Praça do Império, na zona da Foz no Porto, buscamos refletir e elaborar movimentos de reparação — no sentido de reparar, estar atentos, tensionar o corpo contra o arquivo e fazer ecoar as vozes ancestrais, para dar a ver aquilo que se quis manter escondido.



Ilustração de Cinna Solar, em reparação às danças tradicionais dos Povos Bijagós.

“O jogo dos meus avôs e dos que vieram antes dele.

Matemática e estratégia.

Nunca se joga o jogo da vida sozinho

Pois com eles aprendi a jogar e com eles continuarei jogando.”

Paprika





Autoria das Imagens: : Paprika

A partir das inspirações oferecidas pela oficina de Audiovisual, a artista Páprika desenvolveu um estudo fotográfico na Praia de Matosinhos, revisitando memórias de sabedorias ancestrais presente no jogo.



Confluentes:

Bispo dos Santos, Antônio. (2015). *Colonização, quilombos: Modos e significações*. INCT/ Universidade de Brasília.

Bispo dos Santos, Antônio. (2023). *A terra dá, a terra quer* (Piseagrama, Ed.; Vol. 1, 1ª ed.). Ubu Editora.

Britto, Fabiana Dutra; Jacques, Paola Berenstein. (2008). Cenografias e corpografias urbanas: Um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. *Caderno do PPG-AU – Paisagens do Corpo*, Número Especial, 79–86.

Campilho, Edméa; Delgado, Marcella da Silva, & Moura, Sabine Mendes Lima. (2016). *Relações sintagmáticas e paradigmáticas da palavra fofoca*. Cadernos do CNLF, XX(2), 127–138. Rio de Janeiro: CiFEFiL. (II Congresso Internacional de Linguística e Filologia / XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia). ISSN 1519-8782.

Evaristo, Conceição. (1996). *Literatura negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro].

Evaristo, Conceição. (2017). *Becos da memória*. Pallas Editora.

Evaristo, Conceição. (2024). *Canção para ninar menino grande* (1ª ed.). Orfeu Negro.

Freire, Ida Mara. (2019). *Diário corpografias: Aprenda a registrar suas memórias corporais*. Potlach Editora.

González, Lélia. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, 223–244.

González, Lélia. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização: Flávia Rios; Márcia Lima. Zahar.

Jacques, Paola Berenstein. (2012). *Elogio aos errantes* (EDUFBA, Ed.; 1ª ed.). EDUFBA – Universidade Federal da Bahia.

Kilomba, Grada. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.

Martins, Leda Maria. (2021). *Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela* (Isabel Diegues, Ed.; 1ª ed.). Cobogó.

Corpografias Escreviventes Pretuguesas

EDIÇÃO

Editor
Rafael Campos

Autorias
Ana Tavares (AKA Paprika), Caterina Araya, Catarina Evangelista (AKA Cah), Dinís Abudo Quilavei, Domingues Sebastião (AKA Deusa), Gessica Correia Borges, Gilson Fernandes, Janaína Kruger, Jonatas Sousa, Kai Fernandes, Leticia Simões, Rafael Alves de Campos, Silvana Pereira, Tainá Rocha (AKA Cinna Solar).

Design Gráfico
Samuel Sanção

Produção
Casa Odara (Janaína Kruger e Jonatas Souza)

Impressão
Pixartprinting

Tiragem
200 exemplares

Número de Páginas
56

1.ª Edição
Distribuição gratuita

Coprodução
Cultura em Expansão 2025 | ÁGORA - Cultura e Desporto do Porto, E.M., S.A.
Casa Odara - Associação Cultural e Social

Porto, Portugal, 2025.



CEP

CULTURA EM EXPANSÃO 2025

Coprodução:

CASA ODARA

Porto.

